SEVEN publicações acadêmicas
EM PARCERIA COM: IEMS UNIASSELVI

A Importância do Ritual Pẽmp: Formação do Sujeito Indígena Gavião na Terra Indígena Mãe Maria

David Kakoktyire Valdenilson de Souza
Graduado em Licenciatura Educação do Campo pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.
E-mail: david.kakoktyire@gmail.com

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar a importância do ritual pẽmp[1] na formação do sujeito indígena do povo Gavião da T.I Mãe Maria[2], localizada no sudeste do Pará. O pẽmp, tradicionalmente realizado com jovens entre 12 e 20 anos, é um ritual de passagem que envolve práticas culturais, sociais e espirituais, sendo essencial na construção da identidade individual e coletiva do povo Gavião. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas com lideranças indígenas e anciãos que vivenciaram o ritual. As entrevistas foram realizadas entre janeiro e julho de 2024 e foram fundamentais para compreender os impactos do pẽmp na formação dos jovens. Além disso, o estudo se ancora na experiência vivida do autor, indígena pertencente à comunidade pesquisada, o que proporciona uma perspectiva interna e legítima sobre o tema. Os resultados indicam que o pẽmp desempenha um papel central no fortalecimento da autonomia, do vínculo cosmológico, da coletividade e do respeito às tradições ancestrais. A ausência da realização contínua desse ritual pode comprometer a transmissão de saberes fundamentais à sobrevivência cultural do povo Gavião. Assim, o estudo reafirma a relevância do pẽmp como prática educativa e formativa que resiste às influências externas e reafirma a identidade étnica em contextos contemporâneos.

Palavras-chave: Cultura indígena. Gavião. Ritual de passagem. Identidade. Educação tradicional.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco analisar a importância do ritual pẽmp na formação do sujeito indígena do povo Gavião da T.I[3] Mãe Maria, localizada no sudeste do estado do Pará, Brasil. O pẽmp é um ritual de passagem tradicionalmente realizado com jovens entre 12 e 20 anos, e que possui um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva do povo Gavião, atuando como prática formativa e pedagógica. Em um cenário de crescentes interferências culturais externas e ameaças à preservação das tradições indígenas, compreender os impactos desse ritual torna-se essencial para o fortalecimento da autonomia e da continuidade cultural desse povo.

A delimitação da pesquisa parte da observação da ausência recorrente do ritual nas últimas décadas e dos efeitos dessa lacuna na formação das novas gerações. O estudo procura compreender de que forma o pẽmp contribui para a formação do sujeito indígena enquanto integrante ativo de sua comunidade,

[1] Ritual de passagem tradicional do povo Gavião, realizado com jovens entre 12 e 20 anos, envolvendo práticas de formação espiritual, social e identitária.
[2] Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Pará, habitada pelos povos Gavião: Akrãtikatêjê, Kyikatêjê e Parkatêjê
[3] T.I. – Terra Indígena

reforçando valores como pertencimento étnico, espiritualidade, vínculo com a natureza e respeito aos anciãos. Publicações institucionais como a obra “Conhecendo o nosso povo” (PARÁ, 1997) reforçam a importância do pẽmp como eixo cultural e educativo na história dos Gavião.

O objetivo geral do estudo é compreender como o pẽmp contribui para a formação do sujeito indígena Gavião. Para isso, a pesquisa se desdobra em três objetivos específicos: compreender os rituais na história dos Gavião da T.I. Mãe Maria; relatar a trajetória do pẽmp nesse território; e levantar as experiências e impactos formativos do ritual nos sujeitos que dele participaram.

A metodologia utilizada consistiu em abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e documental, além da realização de entrevistas semiestruturadas com lideranças indígenas e anciãos que vivenciaram o ritual entre os anos de 2022 e 2024. O estudo também foi construído a partir da vivência do autor, membro do povo Gavião, o que confere legitimidade à abordagem e insere a perspectiva indígena como ponto central na construção do conhecimento.

2 O RITUAL PẼMP E A FORMAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E VIVENCIAIS

A formação do sujeito indígena Gavião da Terra Indígena Mãe Maria não se restringe a conteúdos escolares formais, mas está profundamente vinculada aos processos tradicionais de socialização e transmissão de saberes. Entre esses processos, o ritual pẽmp se destaca como eixo estruturante da educação tradicional, sendo vivenciado por jovens entre 12 e 20 anos, em um percurso de aprendizagem que une espiritualidade, coletividade, corporeidade e cosmologia.

Para compreender a profundidade desse processo, é necessário articular as concepções indígenas de formação com as teorias ocidentais do desenvolvimento humano, como as de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Ailton Krenak.

3 OS TEMPOS DA FORMAÇÃO: UMA PERSPECTIVA ANCESTRAL DA APRENDIZAGEM

O povo Gavião compreende o desenvolvimento do sujeito em três grandes fases: o tempo do conhecimento, o tempo emocional e o tempo do vínculo cosmológico. Essas fases correspondem a momentos da vida nos quais o indivíduo se relaciona com o mundo por meio da natureza, da coletividade e das tradições.

No primeiro tempo — o do conhecimento — a criança aprende por observação e experimentação direta com o meio ambiente. Piaget (1977) defende que o conhecimento é construído a partir da ação do sujeito sobre o mundo: “conhecer significa inserir o objeto num sistema de relações, a partir de ações executadas sobre esse objeto” (PIAGET, 1977, p. 19). Tal concepção se alinha à prática cotidiana das

crianças nas aldeias, que aprendem a pescar, subir em árvores e observar os ciclos da natureza desde muito cedo.

O segundo tempo — o emocional — marca a adolescência e é caracterizado pela instabilidade afetiva e construção de identidade. Para Vygotsky (2001), essa fase corresponde à Zona de Desenvolvimento Proximal, quando o sujeito precisa de mediação social para consolidar sua aprendizagem. No pẽmp, os jovens vivenciam esse tempo por meio do convívio intenso com os anciãos e com outros jovens, sendo guiados por mestres cerimoniais, guerreiros experientes que operam como tehàmtàrkatê[4] — protetores do grupo.

Já o terceiro tempo — o do vínculo cosmológico — é o ápice da formação do sujeito, pois conecta o indivíduo com os princípios espirituais de seu povo. Para Krenak (2018, p. 1), "viver uma experiência de comunidade [...] é fundamental para sermos uma pessoa equilibrada". É neste tempo que o sujeito se reconhece como parte da coletividade e agente responsável pela preservação do território, dos rituais e das relações sociais.

4 O PẼMP COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA ANCESTRAL

O pẽmp é considerado um "tempo do amadurecimento", no qual os jovens passam por um processo de reclusão, aprendizado e transformação. A preparação para o ritual envolve diversos elementos simbólicos e práticos, como a plantação de roças, a caça, a construção de casas de palha e a escolha dos participantes — que inclui os jovens (pẽmp), suas protetoras (pàmxa), a garota símbolo (pẽpkwỳi[5]) e os mestres cerimoniais.

Durante o período de reclusão, que pode durar de seis meses a um ano, os jovens vivem sob regras rígidas de alimentação, silêncio, respeito e colaboração. Cardoso (2021) destaca que o aprendizado dos jovens ocorre principalmente pela oralidade, sendo as cantigas, as histórias e as práticas simbólicas ferramentas essenciais na formação cultural Gavião. Eles aprendem valores fundamentais da cultura Gavião, como coragem, cuidado coletivo, respeito aos mais velhos e equilíbrio espiritual.

Ferraz (2000, p. 5) descreve o ritual como um processo de fortalecimento de um ethos guerreiro:

> Os jovens iniciados no pẽmp permanecem reclusos por alguns meses, numa pequena casa fechada com palhas de babaçu [...] onde recebem ensinamentos especiais, baseados na bravura e na honradez, princípios norteadores da perpetuação de um ethos guerreiro.

As atividades realizadas no pẽmp envolvem tarefas práticas (caça, pesca, agricultura), atividades rituais (cantos, danças, banhos rituais) e ações educativas (escuta dos anciãos, convivência coletiva). Esse modelo de formação se aproxima do que Freire (1996) chamou de pedagogia da experiência: "ensinar não

[4] Termo timbira que designa o protetor do grupo no ritual, geralmente um ancião que orienta os jovens iniciandos.
[5] Garota símbolo do ritual pẽmp, que dança na frente do cantor principal e representa a feminilidade e a continuidade cultural.

é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 47).

Para compreender a organização simbólica e pedagógica do ritual pẽmp, é importante identificar os principais elementos que compõem sua estrutura. A seguir, apresenta-se uma tabela com os participantes, papéis e atividades que integram o ritual, evidenciando sua complexidade formativa e o envolvimento coletivo dos membros da comunidade.

Tabela 1 – Estrutura do Ritual Pẽmp

Elemento do Ritual	Função / Significado
Jovens (pẽmp)	Iniciandos; passam pela formação tradicional durante o ritual
Pàmxa	Protetoras femininas; acompanham os jovens
Pẽpkwỳi[6]	Garota símbolo que lidera a dança
Tehàmtàrkatê[7]	Protetores/anciãos que orientam os participantes
Cantores	Responsáveis pelas músicas sagradas e mensagens rituais
Atividades	Reclusão, caça, plantio, danças, banhos sagrados, escuta dos anciãos

5 IMPACTOS FORMATIVOS DO PẼMP: LIDERANÇA, PERTENCIMENTO E ESPIRITUALIDADE

O estudo revelou que os participantes do pẽmp desenvolvem habilidades que vão além do conhecimento técnico. Muitos dos entrevistados afirmaram que o ritual despertou neles a consciência de pertencimento étnico, a valorização das tradições e a disposição para assumir papéis de liderança.

Kupepramre Valdenilson, um dos entrevistados, afirmou:

> O pẽmp formou liderança hoje, que é o Joprikatire, que é cacique. Aprendeu a cantar, aprendeu a caçar [...] se tornou um dos cantores muito importantes do povo Gavião" (VALDENILSON, 2024).

Além do fortalecimento de lideranças, o pẽmp também proporciona aos jovens um reencontro com o espiritual. A convivência com os anciãos, o aprendizado por meio das canções e a interação simbólica com os elementos da natureza reativam os vínculos cosmológicos essenciais à cultura Gavião. Essa relação direta com os saberes tradicionais se contrapõe à fricção interétnica descrita por Oliveira (1972), marcada pelo embate entre sistemas culturais distintos. Como afirma a cacica Kátia Akrãtikatêjê:

> Nós temos músicas através de animais, do tempo, de madrugada, da noite, do dia a dia [...] essas músicas eram repassadas como mensagem, um recado, era através da cantiga" (LISBÔA, 2022, p. 93).

6 A URGÊNCIA DA RETOMADA CULTURAL

[6] Pẽpkwỳi é a garota símbolo do ritual pẽmp, que lidera a dança à frente do cantor principal, representando a feminilidade e a continuidade cultural entre gerações.

[7] Tehàmtàrkatê é o termo timbira que designa o protetor do grupo no ritual, geralmente um ancião responsável por orientar e zelar pela formação dos jovens iniciandos.

Com a crescente influência da tecnologia, da escola formal e das pressões externas, muitas das práticas culturais têm sido negligenciadas. Conforme analisa Sompré (2021), os impactos causados por grandes empreendimentos na T.I. Mãe Maria interromperam importantes rituais de formação, como o pẽmp, desestruturando temporalidades e vivências ancestrais fundamentais à identidade Gavião. O próprio termo 'brincadeiras', usado por agentes externos, tem sido substituído estrategicamente pelos indígenas por expressões como 'práticas culturais', 'atividades tradicionais', 'rituais' ou amjikin[8]. Isso se deve à tentativa de resgatar o valor sagrado dessas práticas, como pontuado em uma nota do diário de campo:

> Aí nós estávamos conversando antes, que o pẽmp o pessoal está chamando de brincadeira. Não é uma brincadeira. Pẽmp é um caso sério, por isso que nós não fizemos esse firme [...] tem que se resguardar mesmo, né? Então não é uma brincadeira, é um ritual sagrado mesmo" (Diário de Campo, Marabá, 2024).

Portanto, retomar e fortalecer o pẽmp é mais que uma ação cultural: é um ato político e pedagógico de resistência, que contribui diretamente para a autonomia dos povos originários e para a continuidade dos seus modos próprios de ensinar, viver e resistir.

Abaixo, apresenta-se uma linha do tempo com os principais marcos relacionados à interrupção e retomada do ritual pẽmp, evidenciando o impacto histórico e o esforço recente de reconstrução cultural.

Ano	Evento
~1958	Última realização do pẽmp antes da interrupção
1983	Primeiro registro sobre a ausência do pẽmp (25 anos)
2022	Entrevistas com lideranças indicam retomada parcial
2024	Pesquisa etnográfica e reconstrução do ritual

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender o papel do ritual pẽmp na formação do sujeito indígena do povo Gavião da Terra Indígena Mãe Maria, destacando sua relevância como prática educativa tradicional. A partir da análise teórica e da escuta das lideranças e anciãos que vivenciaram essa experiência, foi possível constatar que o pẽmp vai muito além de um simples rito de passagem: ele se configura como um processo profundo de transmissão de saberes ancestrais, fortalecimento da identidade étnica e construção de um sujeito coletivo.

Os dados analisados confirmam a hipótese de que o pẽmp tem papel fundamental na consolidação dos vínculos culturais e espirituais entre os jovens e a comunidade. Por meio das práticas vivenciadas durante o ritual — como a reclusão, a caça, a coleta, os cantos, os ensinamentos dos anciãos e a convivência

[8] Amjikin é uma palavra da língua timbira jê que significa "momentos de se alegrar" ou início das festividades, com forte dimensão espiritual e educativa para o povo Gavião.

com a natureza — os participantes desenvolvem autonomia, respeito, responsabilidade e pertencimento, formando-se como sujeitos conscientes de sua identidade e missão enquanto membros do povo Gavião.

Além disso, o estudo reafirma a importância de reconhecer os conhecimentos indígenas como formas legítimas de produção de saber, valorizando a oralidade, a vivência e os rituais como fundamentos de uma pedagogia própria. O pẽmp, nesse contexto, é tanto um ato formativo quanto uma estratégia de resistência frente às influências externas e ao apagamento cultural promovido pelas instituições formais da sociedade kupẽn[9].

Assim, conclui-se que o fortalecimento das práticas culturais como o pẽmp é essencial para garantir a continuidade da memória, da história e da existência dos povos indígenas. Retomar e preservar esse ritual representa um compromisso com a educação do campo, com a diversidade cultural e com a justiça histórica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Dra. Flávia Marinho Lisbôa, pela orientação, amizade e sabedoria compartilhada ao longo de toda a trajetória acadêmica. À comunidade Gavião da Terra Indígena Mãe Maria, especialmente aos anciãos e lideranças que partilharam seus saberes e histórias com generosidade e coragem. Aos meus colegas da Faculdade de Educação do Campo, à minha família e ao Programa PAIND[10], por todo apoio, incentivo e resistência coletiva ao longo desse percurso.

[9] Kupẽn é o termo timbira utilizado para designar os não indígenas, especialmente aqueles de fora da comunidade.
[10] Programa de Apoio à Inclusão e Diversidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. Filosofia da educação. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, L. Dicionário Parkatêjê-Português. Belém: s.n., 2016.

BASSO, M. C.; SILVA, E. R. O uso do Plickers como ferramenta pedagógica para avaliação da aprendizagem. Revista Tecnologias na Educação, v. 12, n. 28, p. 41-50, 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CANDINHO, A. A. M. et al. Uso de ferramentas digitais na gestão escolar. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 1, p. 592-608, 2025.

CARMO, A. C. L. C. do. Uso de tecnologias digitais para fortalecimento da comunicação escola/família numa instituição da rede estadual do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2023.

CARVALHO, D. O. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO – UNIVESP. Caderno de Formação: Educação Infantil: princípios e fundamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. v. 1, p. 13-27.

CRUZ, A. M. B.; SILVA, S. S.; RODRIGUES, S. A. M. Gestão de clima organizacional no ambiente escolar: estudo bibliográfico em periódicos publicados entre 2018 a 2019. Faculdade Sant'Ana em Revista, 2021.

FERNANDES, F. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global, 2010.

FERRAZ, I. De "Gaviões" à "Comunidade Parkatêjê": uma reflexão sobre os processos de reorganização social. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FERRAZ, I. Os Parkatêjê das matas dos Tocantins: a epopeia de um líder timbira. 1984. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

FERRAZ, I. Gavião. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: ISA, 2000. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Parkat%C3%AAj%C3%AA. Acesso em: 6 abr. 2024.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, L. F.; ROCHA, M. C. A importância das tecnologias digitais na gestão escolar: uma abordagem sobre ferramentas de comunicação. Revista Saberes Educacionais, Santa Catarina, 2021.

GRINSPUN, M. P. S. Z. Supervisão e orientação educacional: perspectivas de integração na escola. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GRINSPUN, M. P. S. Z. A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOURY, S. E. C.; PAZ, M. M. K. Etnodesenvolvimento como uma política contra-hegemônica: o direito das comunidades tradicionais de serem diferentes quando a igualdade as descaracteriza. Revista Argumentum, v. 22, n. 1, p. 119-133, 2021. Disponível em: http://ojs.unimar.br/index.php/revistaargumentum/article/view/1251. Acesso em: 22 ago. 2024.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LISBÔA, F. M. Racismo linguístico e os indígenas Gavião na universidade: língua como linha de força do dispositivo colonial. Salvador: EDUFBA, 2022.

LOPES, D. Q. Educação e cultura digital: desafios e perspectivas para a orientação educacional em relação à reconfiguração dos espaços comunicacionais nas escolas. In: CORBELLINI, S. (org.). Orientação educacional e a cultura digital: reconfigurações contemporâneas. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

MAYER, R. Multimedia learning. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

MÉLO, V. N. O. Mídias na educação: impactos, contribuições e desafios no processo de aprendizagem. Revista Educação Pública, 2023. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/26/midias-na-educacao-impactos-contribuicoes-e-desafios-no-processo-de-aprendizagem. Acesso em: 24 maio 2025.

MIRANDA, A. B. Os “Gaviões da mata”: uma história de resistência timbira ao Estado. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

MORAN, J. M. Gestão inovadora da escola com tecnologias. In: VIEIRA, A. (org.). Gestão educacional e tecnologia. São Paulo: Avercamp, 2003.

PIAGET, J. Psicologia da inteligência. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1994.

REHFELDT, M. J. H.; SILVA, M. S. da. Podcast como recurso de aprendizagem: um elo entre as mídias digitais, a aprendizagem significativa e o educar pela pesquisa. Ensino em Re-Vista, v. 26, Edição Especial, p. 1171-1194, 2019.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTOS, A. R. dos. A orientação educacional no Brasil e o orientador educacional na contemporaneidade. Núcleo do Conhecimento, 2023. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/orientacao-educacional-no-brasil. Acesso em: 17 maio 2025.

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Autores Associados, 2013.

SILVA, M. A.; PEREIRA, L. F. Tecnologias digitais na gestão escolar: possibilidades e práticas. São Paulo: Editora Educar, 2022.

SILVA, N. A. et al. O uso de ferramentas digitais no ensino remoto durante a pandemia no Ensino Fundamental II. Diversitas Journal, v. 7, n. 4, p. 1-15, 2022.

SOMPRÉ, C. G. Os projetos desenvolvimentistas no território Mãe Maria: memórias de uma vida de impactos na perspectiva Gavião. Marabá: UNIFESSPA, 2021.

VIEIRA, A. T.; ALMEIDA, M. E. B.; ALONSO, M. Gestão educacional e tecnologia. São Paulo: Avercamp, 2003.

VIEIRA, V. F. As mídias digitais e seus benefícios docente e discente no processo de ensino e aprendizagem. Revista International Integralize Scientific, Santa Catarina, 2025.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

XERFAN, L. Entenda a importância de um ambiente escolar seguro para as crianças. O Liberal, Pará, 2022.